



A busca de si e a identidade sociocultural no ciberespaço

Demóstenes Dantas Vieira

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, IFRN, Brasil. Contato: literaturaevieira@yahoo.com.br

Guilherme Paiva de Carvalho Martins

Professor na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Contato: guimemartin@gmail.com

Resumo:

O presente artigo, de cunho bibliográfico, suscita uma discussão em torno das transformações sociais advindas das tecnologias da informação, pensando as possibilidades de interação simbólica, a busca de si e a constituição da identidade no ciberespaço. Seu objetivo consiste em desenvolver uma reflexão sobre a formação de comunidades virtuais, do compartilhamento da memória e da consciência no ambiente virtual.

Palavras-chave: a busca de si, identidade, ciberespaço.

The search itself and the socio-cultural identity in cyberspace

Abstract: The present paper, with a bibliographic nature, raises a discussion about the social transformations coming from the information technology, thinking about the possibilities of symbolic interaction, the self-search and the formation of the identity in cyberspace. Its objective is developing a reflection about the formation of virtual communities, the memory sharing and the consciousness in the virtual environment.

Keywords: the self-search, identity, Cyberspace.

Como citar este artigo:

VIEIRA, D. D.; MARTINS, G. P. C. A busca de si e a identidade sociocultural no ciberespaço. *Luminária*, União da Vitória, v.17, n. 2, p. 56-63, 2015.

INTRODUÇÃO

O cenário em que se configura o sujeito pós-moderno traz consigo a reflexão sobre as possibilidades de constituição de uma identidade sociocultural em meio à fragmentação identitária advinda das próprias relações sociais, assim como das transformações culturais decorrentes das tecnologias da informação. A internet possibilitou a aproximação do sujeito com a diversidade cultural, povos, grupos, instituições etc. (LÉVY, 1996). Ela traz consigo, hoje mais forte do que nunca, a noção de alteridade através da qual nós nos constituímos enquanto sujeitos.

O ciberespaço, por sua vez, apresenta-se como “espaço indefinido”, através do qual tornam-se possíveis diversos tipos de interações que se configuram além das noções tradicionais de espaço e tempo (LÉVY, 1999). As trocas oriundas do mesmo modificaram o cotidiano das pessoas, tendo em vista que se multiplicam cada vez mais as possibilidades de identificação com indivíduos, estilos de vida, compreensão da realidade, apropriação da arte etc. Tais interações reforçam a necessidade de se pensar a possibilidade de formação de uma identidade social no ciberespaço, cuja relação e pertence difere-se dos grupos territorializa-

dos, visto que as comunidades virtuais surgem em lugar indefinido, com componentes que ultrapassam os limites do espaço geográfico. São pessoas que a partir da cibercultura filiam-se uns aos outros e se (re)conhecem enquanto sujeitos e, portanto, se identificam (JENKINS, 1992).

As comunidades virtuais surgem com o mesmo sentimento de pertence das comunidades ligadas pela cultura local e pelo território, embora a sua formação tenha objetivos diferentes. Sua diferença consiste na desterritorialização da cultura, onde o local se torna global e o global torna-se local, assim como pelo espaço indefinindo e unidade do tempo (LÉVY, 1999).

Pensando essas questões, esse trabalho objetiva desenvolver uma reflexão sobre a formação de comunidades virtuais, assim como da noção de pertencimento tão relevante para se pensar a identidade de grupo. Por conseguinte, objetivamos analisar as possibilidades de constituição de identidades socioculturais no ciberespaço assim como refletir sobre a fragmentação identitária intensificada pelas tecnologias da informação e pelas interações virtuais. Sua relevância se dá no tocante que visa suscitar a reflexão sobre as transformações que as tecnologias de informação geraram no nosso cotidiano, nas nossas formas de interação e no processo de constituição e compreensão de si mesmo.

AS CONFIGURAÇÕES DO CIBERESPAÇO

Dentre diversas formas de compreensão epistemológica sobre a internet, ressaltamos aquela que tem apontado como possibilidade de ruptura com os moldes de comunicação unilaterais, visto que o sistema que a compõem é sobreposto de hipertextos, *hyperlinks* etc., formando uma rede de interação que proporciona a conexão entre os indivíduos, instituições, culturas, ideias e a construção de comunidades virtuais que ultrapassa as contingências do tempo e do espaço (RHEINGOLD, 1996). Esse sistema de interconexões possibilitou a ampliação das nossas relações, das “redes de interdependência” que constituem a sociedade (ELIAS, 1994). A partir dela (da internet) os conceitos de cultura

local, nacional e mesmo universal devem ser repensados, tendo em vista que os nossos relacionamentos e experiências se dão também a partir de espaços virtuais que se diferenciam da noção de contexto local, havendo a necessidade de refletir sobre a constituição da identidade e da alteridade no ciberespaço.

Conforme escreve Lévy (2000), experienciamos agora um momento em que a sociedade e/ou a civilização “inventa” a si mesma momento que traz à tona a possibilidade de uma “cultura participativa” em que o sujeito também a reinventa (JENKINS, 2006) e de uma “inteligência coletiva”, pensada a noção de pertencimento e identidade a partir do compartilhamento da memória, da percepção do mundo e da imaginação. Isso resulta na troca de saberes e na construção de uma aprendizagem e “inteligência coletiva” (LÉVY, 2011).

É necessário, portanto, se pensar novas formas de *configurações* identitárias advindas das tecnologias da informação, no nosso caso, da internet. Por conseguinte, deve-se pensar como esses processos configuram-se no ciberespaço, mais especificamente, nas comunidades virtuais. Nas palavras de Lévy (2000, p, 13) não se trata apenas de pensar em “termos de impacto” da cibercultura na vida dos indivíduos, “mas também em termos de projeto”, ou seja, não só como a internet modificou o cotidiano das pessoas, mas como ela pode contribuir para as melhorias sociais, para a construção de uma *inteligência coletiva* e de *uma cultura participativa*, tendo em vista que a internet não pode ser dissociada das estruturas, historicizadas pelo ser humano e transformadas por ele. Sua construção se dá no âmbito da ação do indivíduo sobre o espaço, sendo ela mesma uma criação cultural (CASTELLS, 2003), como “teias de significado” tecidas pelo próprio sujeito agente e nas quais o mesmo encontra-se “emaranhado” (GEERTZ, 1989).

No ciberespaço, essa compreensão materializa-se pela necessidade de erupção do sujeito, dada a sociedade repressora, em que muitas vezes, o sujeito sente-se reprimido (FREUD, 1976). Se pensarmos, por exemplo, os *nicknames* (apelidos) nas salas de bate-papo, veremos a ação de indivíduos cuja libido foi reprimida pelo *processo civilizador*. No espaço

virtual, o sujeito encontra a possibilidade de ressignificar a si mesmo, a partir de um espaço que modifica a própria noção de identidade, que a transforma a partir da imaginação simbólica, a começar pelo próprio nome. A internet pode ser compreendida, portanto, como espaço onde se torna possível a ressignificação de identidades (CASTELLS, 2003).

O ciberespaço apresenta-se ao sujeito como ponte de inúmeras formas de interação e significados, culturas, grupos, confrontos e experiências que se sobrepõem a cada *hiperlink* ou troca de informações entre os internautas. A internet assume, portanto, um lugar de grande relevância na constituição identitária do indivíduo, visto que ela possibilita um amontoado de conhecimento capaz de transformar a visão de mundo das pessoas, a ressignificação de valores e também o hibridismo cultural, onde o local mistura-se com o global (MITCHELL, 2000).

A CIBERCULTURA, O CIBERESPAÇO E A (RE)INVENÇÃO DE SI MESMO.

O valor semântico do prefixo “*cyber*” nos remete a situações virtuais, cuja máquina mantém íntima relação. Etimologicamente, o termo deriva do grego cuja origem significa “controle” (KELLNER, 2001). Na década de 1940, ele foi utilizado por diversos estudiosos da física e desde então está associado aos sistemas de automação, a “máquinas inteligentes”, por sua vez, ao “controle” da comunicação entre seres vivos e máquinas (CASCAIS, 2001).

A noção de ciberespaço e cibercultura nos leva primeiramente a pensar uma ruptura sobre os conceitos de tempo e espaço. As tecnologias de informação possibilitaram o que poderíamos chamar de transição das relações interpessoais localizadas para a experiência em formas de interação cujo tempo e espaço tornam-se indefinidos, como espaço “desterritorializante”, um “mundo não palpável [...] que existe em um local indefinido, desconhecido, cheio de devires e de possibilidades” (MONTEIRO, 2007, p. 380).

Segundo Dorneles (2008, p. 217), o ciberespaço está associado à transposição de dados da vida off-line para as relações sociais no ambiente virtual, por esse motivo, tal pes-

quisadora fala de “sujeito virtual transposto” e “sujeito virtual construído”. A primeira expressão nos remete a mudança espacial do indivíduo transposto do espaço físico dito “real” para o espaço virtual. A segunda expressão usada por Dornelles (2008), “sujeito construído”, nos remete às múltiplas possibilidades de construção e representação de si no ciberespaço, tanto pela imaginação simbólica, como escreve Durrand (1988), como pela própria representação dos diversos “papeis sociais” que exercemos nos diversos contextos de interação social em que agimos, seja como filho, pai, professor, aluno, como fã, ídolo, amigo etc.

No mundo da “virtualização” encontramos definições de espaço e tempo interligados, como conceitos que se fundem à ação de “atores da comunicação conectados a uma rede, dividindo um mesmo hipertexto, numa relação totalmente nova com os conceitos de contexto, de espaço e de tempo das mensagens” (RAMAL, 2002, p.81). Nessa perspectiva, a virtualização proporciona a unidade do tempo, sem promover a unidade do espaço (LÉVY, 1996).

Este espaço indefinido, ainda que definido pelos usuários, é o que chamamos de ciberespaço, podendo ser caracterizado como:

[...] espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores. Essa definição inclui o conjunto dos sistemas de comunicação eletrônicos (aí incluídos os conjuntos de redes hertzianas e telefônicas clássicas), na medida em que transmitem informações provenientes de fontes digitais ou destinadas a digitalização. Insisto na codificação digital, pois ela condiciona o caráter plástico, fluido, calculável com precisão e tratável em tempo real, hipertextual, interativo e, resumindo, virtual da informação que é, parece-me, a marca do ciberespaço. (LÉVY, 1999, p.92-93)

Pensando essa noção de espaço plástico cuja existência se dá pela codificação digital e também de comunicação aberta e tratável em tempo real, de trocas de informações instantâ-

neas, propomos uma noção de ciberespaço no que compete à internet. O ciberespaço na internet pode ser compreendido como o lugar onde há uma desenfreada multiplicação de espaços através dos quais o usuário migra de um ponto a outro (através do que chamamos *hiperlinks*). Neste caso, falamos de uma migração não física ou geográfica, mas de espaços codificados por meio digital. Através dos *hiperlinks*, o leitor “navega” por diversos (con) textos, de diferentes autores/as e/ou leitores/as e compartilha diversas experiências e consciências, inclusive a de si próprio.

Por esse motivo, o também chamado espaço cibernético é indefinido, tendo em vista que os mesmos “se metamorfoseiam e se bifurcam a nossos pés, forçando-nos à heterogênesse” (LÉVY, 1996, p.23). Essa heterogênesse possibilita uma via de compreensão da virtualização que se filia ao entendimento do sujeito, à sua alteridade. Segundo Lévy (1996) a virtualização é indissociável do ser humano, visto a possibilidade de expansão dos processos comunicativos.

O ciberespaço, portanto, diferencia-se do real à medida que proporciona uma rede de possibilidades que se atualiza constantemente e de formas diferentes, como um processo migratório de um mundo material para um mundo de interação digitalizada (LÉVY, 1996). Ele expande, portanto, as possibilidades humanas de comunicação, de subjetivação e identificação, tendo em vista as diversas experiências com a diferença.

O pensamento de Lévy (1999) reforça a noção de identidade como imaginação e de identidade como “invenção” (ALBUQUERQUE JR, 2006).

A cibercultura exerce grande influência no imaginário social, na proporção que fornece os modelos de nossa forma de agir, representar e significar o mundo (LÉVY, 1999). Ela afeta diretamente as nossas formas de *sociedade* e *sociabilidade*, tendo em vista a sua expansão na constituição da vida contemporânea.

Os conceitos até aqui trabalhados nos trazem a possibilidade de reflexão sobre a transformação da cultura e, por conseguinte, dos processos de subjetivação e identificação, que em contextos específicos, se entrelaçam à cibercultura. Uma das contribuições de Pierre

Lévy (1999) é pensar o papel do ciberespaço como uma forma híbrida de interação simbólica, difusão e compartilhamento de experiências e consciências. Conseqüentemente, sua obra possibilita a reflexão sobre as novas formas de comunicação em que a internet apresenta-se como instrumento à construção da autonomia, cujo participante não é mais tão passivo quanto nas demais formas de interação midiática, pelo contrário, é participante da informação (porque não dizer da cultura), interagindo com a mesma e modificando-a.

Castells (2003, p. 04) escreve que as tecnologias de informação têm possibilitado a “comunicação individual de massa”, ou seja, a possibilidade de construção da autonomia do sujeito a partir dos processos de interação simultâneos, da imaginação, da apropriação e difusão do conhecimento, através dos quais o sujeito se reinventa, se constitui e se transforma.

A CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE NO CIBERESPAÇO

Pensar a identidade a partir do ciberespaço é um desafio, tendo em vista que a própria noção de identificação adentra diversas questões epistemológicas que vai desde estereótipos e *generificações* até os aspectos psíquicos que perpassam a constituição do sujeito, a compreensão de si mesmo e a imaginação. Com a ascensão das tecnologias da informação e do espaço virtual nas relações cotidianas, o que entendíamos sobre identidade tornou-se ainda mais complexo, visto que no ambiente virtual as possibilidades de reinvenção e imaginação de si mesmo se acentuam.

Neste ambiente, a definição do que somos perpassa “simulações”, cujo participante projeta-se diante de outros, como a performance de um ator diante de uma plateia (GOFFMAN, 1996). Os papéis que exercemos na vida cotidiana, assim também no ciberespaço, assemelham-se a técnicas de dramaturgia, tendo em vista que quando nos apresentamos diante do outro estamos sempre nos preocupando com a impressão que estes recebem da situação, assim como a duração vital das interações estabelecidas com determinado fim (GOFFMAN, 1996).

No ciberespaço isso é bastante perceptí-

vel. Nele, o sujeito pode definir-se através dos signos, seja um *nickname* (apelido), um avatar (cibercorpo), uma foto ou mesmo uma descrição verbal. Isso pode ser compreendido tanto a partir de Goffman (1996), como a partir de Durand (1989), pois parte tanto da performance quanto da imaginação simbólica de si. Neste ambiente o sujeito (re)cria-se pela imaginação atribuindo a si mesmo sexo, idade, localização, personalidade etc. Essa fluidez é um dos aspectos em que se deve pensar a identidade no ciberespaço, tendo em vista a possibilidade de recriar-se através dos canais de comunicação.

Segundo Woodward (2012, p. 40), “as identidades são fabricadas por meio da marcação da diferença” e só podem ser compreendidas a partir dela. É somente a partir do outro, nas semelhanças e dessemelhanças que nos constituímos, seja em espaço geográfico ou mesmo em um espaço virtual. Este último permite a difusão de uma infinidade de símbolos, de diversas identidades socioculturais, logo, apresenta uma vasta possibilidade de interação entre os indivíduos que compartilham culturas, ideias, consciências etc. O hipertexto, as redes sociais, as *fan pages* (páginas de fãs), os bate-papos proporcionam a reflexão sobre o outro, sobre o mundo e sobre si. Esse processo se dá no âmbito da capacidade de reflexão do sujeito, como afirma Giddens (1991), um sujeito reflexivo, que se constitui a partir de trocas simbólicas.

A expressão *sujeito reflexivo* em Giddens (1991) refere-se a um projeto de reflexão do indivíduo sobre si. Segundo a reflexividade, é por meio do outro que o sujeito desenvolve a possibilidade de “descoberta de si mesmo” e, por conseguinte, se descobre singular. A construção do “eu” seria, portanto, um desafio reflexivo de encontrar a sua identidade entre as diversas estratégias fornecidas pelos “sistemas abstratos”. No âmbito das relações ciberespaciais, tal reflexão pode encontrar espaço significativo, tendo em vista as múltiplas possibilidades de interação, trocas de experiência e submersão na informação tão abundante no ambiente virtual. Isso possibilita a construção de si, de uma identidade fragmentada e ligada a um “conjunto de possíveis” (LÉVY, 1996).

Ao tratar a identidade sob a ótica da virtualização, Lévy (1996, p.18) aponta para a seguinte problemática:

A virtualização não é uma desrealização (a transformação de um real em um conjunto de possíveis), mas uma mutação de identidade, um deslocamento do centro de gravidade ontológico do objeto considerado: em vez de se definir principalmente por sua atualidade (uma “solução”), a entidade passa a encontrar a sua consistência essencial num campo problemático. Virtualizar uma entidade qualquer consiste em descobrir uma questão geral à qual ela se relaciona, em fazer mudar a entidade em direção a essa interrogação e em redefinir a atualidade da partida como resposta a uma questão particular.

A identidade no ciberespaço não pode, portanto, ser atribuída apenas à fugacidade do sujeito ou mesmo a uma “desrealização”. Ela surge como possibilidade de transformação ontológica, de compreensão do mundo e, como diriam Touraine e Khosrokhavar (2004), da busca de si.

Sobre a questão da identidade, vale ainda ressaltar o que Hall (2005) denominou de *identidades deslocadas ou fragmentadas*. Tal expressão designa a atuação social do sujeito que “assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente” (HALL, 2005, p.13). Embora vivencie “sua própria identidade como se ela fosse reunida e resolvida, ou unificada”, o sujeito está “partido ou dividido” (HALL, 2005, p.38), agindo de forma diferente, em relações interpessoais, situações e (con)textos também diferentes. Segundo Hall (2005, p.39) a constituição da identidade deve ser compreendida como processo construtivo e inacabado:

[...] devemos falar de identificação, e vê-la como um processo em andamento. A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é preenchida a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos, por outros.

A ausência de inteireza ou fragmentação indenitária é fruto do processo de globalização que tende a ignorar cada vez mais as fronteiras nacionais e locais, subsidiando os processos de “transculturação”, por conseguinte, a des-territorialização simbólica. Como consequência, percebe-se a desintegração das identidades nacionais e fortalecimento de identidades que resistem ao hibridismo cultural (HALL, 2005).

A primeira dessas consequências nos remete às tecnologias da informação e a *heterogênesse* da cibercultura, por sua vez, às muitas possibilidades de interação e trocas culturais entre indivíduos, grupos, instituições, nações etc. Ela associa-se diretamente a identificação fragmentada da qual falamos acima. Hall (2005) enfatiza que as tecnologias de comunicação consolidam as conexões realizadas em rede que, por sua vez, representa uma maneira de conhecer o mundo, sob forma de representação de si, apropriação e difusão estabelecidos por meio da linguagem, seja ela verbal ou semiótica (LÉVY, 1995).

A segunda das consequências elencadas por Hall (2005) relaciona-se com o que chamamos de identidade sociocultural. Mesmo diante da globalização diversos povos encontram resistência em aderir ao hibridismo cultural. Ela relaciona-se também com formas de organização de grupos étnicos, quilombolas, *punks*, emos, feministas, LGBTs, fã clubes etc. Esses grupos encontram formas de resistência à homogeneização da cultura e ao hibridismo cultural. Sua formação sugere também, em muitos casos, a resistência de uma cultura marginalizada e, principalmente, o sentimento de pertencimento ao grupo e a identidade sociocultural.

A identidade sociocultural pode ser entendida como “a construção social de uma identidade comunitária” que “surge das interações que os membros de um território local estabelecem com ‘os de fora’, servindo para definir sua comunidade. Sabemos que todo processo de identificação se dá pelo outro” (GONÇALVES, 2007, p. 33).

Tal identificação torna-se mais forte à medida que o indivíduo se sente pertencente ao grupo, território/espaço, cultura e *habitus* que compreendem a sua organização. Evidente que não dissociamos a identidade social da

subjetividade, tendo em vista que nós “vivemos nossa subjetividade em um contexto social no qual a linguagem e a cultura dão significado à experiência que temos de nós mesmos e no qual nós adotamos uma identidade” (Woodward, 2012, p. 55). O sentimento de pertence e identificação social se dá somente a partir dos processos de subjetivação, da alteridade e da diferença, pois é através das nossas interações que nos sentimos iguais ou dessemelhantes ao outro. O *habitus*, entendido como sistema de valores que constitui a subjetividade do indivíduo, é associado a gostos, modos de identificação e preferências da pessoa, formando a sua identidade.

Ao escrever sobre identidade social e cultura, Oliveira (2000, p. 135) ressalta que a identidade “é um estilo de vida próprio, um modo de vida particular, que todas as sociedades possuem e que caracteriza cada uma delas. Assim, os indivíduos que compartilham a mesma cultura apresentam o que se chama de identidade cultural”. É justamente a partir do compartilhamento da cultura que se torna possível entender a identidade social, tendo em vista que é a partir de trocas simbólicas que nos constituímos enquanto sujeitos, inseridos no espaço (seja ele natural, social ou o mesmo o ciberespaço), no meio ambiente, no mundo. Segundo Gonçalves (2007, p. 18), o espaço, “o meio ambiente e o mundo de significados que o homem produz são necessariamente indissociáveis”, a relação pessoa e sociedade “tem sempre um dimensão vivenciada e simbólica” (GONÇALVES, 2007, p. 27).

Não se pode negar que mesmo fragmentada, a nossa identidade filia-se a uma história, a *habitus* de grupo, assim como não é possível negar que nos constituímos a partir do espaço e da vivência com o outro, experienciada e simbólica. No ciberespaço, as possibilidades de interação se acentuam e, por conseguinte, aumentam as redes de interdependência do sujeito e os múltiplos objetos, grupos, culturas com os quais ele pode identificar-se.

Vale ainda fazer a seguinte ressalva: o que chamamos de identidade social não diminui a premissa de que a identidade do sujeito seja fragmentada. O que propomos, pelo contrário, é refletir sobre a possibilidade de cons-

trução de uma identidade social em meio a um espaço em que a fragmentação identitária é evidente. Nem tampouco negamos a capacidade do sujeito de transgredir o *habitus*, mas nos propomos a entender a noção de predisposição psíquica e social através das quais o sujeito se constitui em grupo, no nosso caso, das comunidades virtuais.

Como já analisado, falar de identidade social no ciberespaço é muito difícil, tendo em vista sua indefinição e alteridade, entretanto, é possível perceber que em determinados contextos o ciberespaço possibilita a construção de grupos cuja formação se dá através da identificação com determinadas culturas, grupos musicais, modos de vida, gostos, preferências, formas de compreender o mundo etc. Esses grupos possuem em comum a troca de informações, alguns com forte sentimento de pertence (como as *fan pages*), outros como ambiente para debate de diversos assuntos (comunidades ou páginas), ambientes de aprendizagem como o Moodle (Ambiente Virtual de Aprendizagem), as salas de bate-papo etc.

Denominados de comunidades virtuais, esses grupos podem ser entendidos como espaços onde os indivíduos se agrupam com finalidades diversas que dependerão dos objetivos. Sua estrutura baseia-se em troca de informações através das quais a inteligência individual se agrega a uma forma de inteligência coletiva, formada pelo compartilhamento de ideias (RHEINGOLD, 2002).

Jenkins (1992) escreve que as comunidades virtuais, mais especificamente as *fan pages*, constituem formas de interação baseadas no pertencimento, dada no âmbito intersubjetivo e na esfera social. Tais grupos são compreendidos por ele como forma de resistência e como movimento de uma cultura marginalizada. Nesse sentido, o sujeito agrupa-se a outros e forma grupos pelo mesmo sentimento de pertence, afeto, estilos de vida, forma de ver a realidade. Nessa perspectiva, o ciberespaço também dá lugar para a formação de identidades socioculturais que se diferenciam dos grupos territorializados, pois sua população compreende componentes de diversos locais geográficos agrupados pela consciência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao considerar as relações e processos identitários no ciberespaço é necessário levar em consideração as múltiplas possibilidades de interação que ele oferece ao sujeito, assim como a possibilidade cada vez mais presente do mesmo constituir-se a partir da informação, do conhecimento e do compartilhamento da memória e da cultura. Considerando as premissas de Jenkins (1992), Lévy (1999), Hall (2005) e outros. A questão da identidade não pode ser dissociada dos processos de subjetivação e, por conseguinte, das diversas possibilidades de interação simbólica e identificação subsidiados pelas tecnologias da informação.

A partir das reflexões realizadas, podemos ainda ressaltar as rupturas conceituais sobre tempo e espaço provenientes da virtualização, assim como a heterogênesse possibilitada pelas interações em espaço indefinido e unidade do tempo. Essas questões retomam a possibilidade de formação de uma identidade sociocultural no ciberespaço, que surge como forma de identificação, resistência e sentimento de pertença advindos das trocas simbólicas. Podemos ainda concluir que a identidade social constituída no ciberespaço ultrapassa os limites espaciais geográficos e caracteriza-se pela desterritorialização da cultura ou mesmo pelo que chamamos de “transculturação”.

Por fim, suscitamos a necessidade de compreensão do ciberespaço como lugar cuja alteridade propicia a busca, compreensão e reflexão de si mesmo em um espaço em que a atuação do sujeito sobre a cultura é participativa, tendo a possibilidade de informação, de gerar-se produtor do conhecimento a partir de hipertextos, *hyperlinks*, culturas, consciências e experiências proporcionadas pelo ciberespaço. Conhecimento esse que perpassa a compreensão do outro e a descoberta de si.

Ademais, a constituição de si e os processos de identificação no ciberespaço, distinguem-se da formação identitária de grupos territorializados, por possibilitar a afirmação e a congregação de identidades excluídas dos sistemas simbólicos dominantes na sociedade, além de permitir a expansão de locais geográficos diferenciados, agrupados por sentimentos de pertencimento, preferências, gostos e estilos de vida.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BOURDIEU, Pierre. **Coisas Ditas**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990.
- CASCAIS, Fernando. **Dicionário de Jornalismo: as palavras dos media**. São Paulo: Verba, 2001.
- CASTELLS, Manuel. **Power Communication**. New York: Ed. Oxford, 2003.
- DORNELLES, Jonatas. **Vida na rede: uma análise antropológica da virtualidade**. Tese de doutorado. Porto Alegre/RS, 2008.
- DURAND, Gilbert. **A imaginação simbólica**. São Paulo: Cultrix, 1988.
- ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.
- FREUD, Sigmundo. **O mal-estar na civilização**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- GIDDENS, Antony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Unesp, 1991.
- GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1996.
- GONÇALVES, T. M. **Cidade e poética: um estudo da psicologia ambiental sob o urbano**. Injuí: Ed. Unijuí, 2007.
- HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 10ª edição. Rio de Janeiro, DP&A, 2005.
- JENKINS, Henry. **Fans, bloggers and games: exploring participatory culture**. New York: New York University, 2006.
- _____. **Textual poachers: television fans e participatory culture**. New York: Routledge, 1992.
- KELLNER, Douglas. Como mapear o presente a partir do futuro: de Baudrillard ao cyberpunk. In: _____. **A cultura da mídia**. Bauru: EDUSC, 2001.
- LÉVY, Pierre. **As tecnologias da Inteligência: O futuro do pensamento na era da informática**. São Paulo: editora 34, 1995.
- _____. **O que é o Virtual?**. Rio de Janeiro, Editora 34, 1996.
- _____. **Cibercultura**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.
- _____. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. São Paulo: Loyola, 2000.
- _____. **Entrevista, Programa Roda Viva**, FAPESP. [jan. 2011]. Entrevistador: Paulo Markun. São Paulo, 2011. Disponível em: <<http://www.rodaviva.fapesp.br/materia/47>>. Acesso em 04 de Fev. de 2013.
- MITCHELL, W. **E-topia**. MIT Press, 2000.
- MONTEIRO, Silvana Drumond. O Ciberespaço: o termo, a definição e o conceito. **Revista DataGramZero**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 3, jun. 2007. Disponível em: <<http://www.dgz.org.br>>. Acesso em: 10 jan. 2014.
- OLIVEIRA, Pércio Santos. **Introdução à sociologia**. 24 ed, São Paulo: Editora Ática, 2000.
- RAMAL, Andrea Cecília. **Educação na cibercultura: hipertextualidade, leitura, escrita e aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- RHEINGOLD, Howard. **A Comunidade Virtual**. Lisboa: Gradiva, 1996.
- SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade**. Tradução de Pedro Caldas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- TOURAINÉ, Alain; KHOSROKHAVAR, Farhad. **A busca de si. Diálogo sobre o sujeito**. Tradução de Caio Meira. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- WOODWARD, Kathryn. Identidade e Diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2012.

Recebido em 02 de setembro de 2015.
Revisões em 29 de outubro de 2015.
Aceito em 23 de novembro de 2015.